EM DISCUSSÃO PÚBLICA

Francisco Henrique Moura George

Digitally signed by Francisco Henrique Moura George
DN: c=PT, o=Ministério da Saúde, ou=Direcção-Geral da Saúde, cn=Francisco Henrique Moura George
Date: 2013.01.02 15:03:57 Z

NORMA
DA DIREÇÃO-GERAL DA SAÚDE

1899-2012 112 anos

Direção-Geral da Saúde
www.dgs.pt

Ministério da Saúde

NÚMERO:	**023/2012**
DATA:	**26/12/2012**

ASSUNTO:	**Abordagem Pré-hospitalar das Queimaduras**
PALAVRAS-CHAVE:	**Queimaduras**
PARA:	**Médicos do SNS**
CONTACTOS:	**Departamento da Qualidade na Saúde (dqs@dgs.pt)**

Nos termos da alínea a) do nº 2 do artigo 2º do Decreto Regulamentar nº 14/2012, de 26 de janeiro, a Direção-Geral da Saúde, por proposta conjunta do Departamento da Qualidade na Saúde e da Ordem dos Médicos, emite a seguinte

I – NORMA

1. A abordagem pré-hospitalar da pessoa com queimadura obriga a (vigilância primária da **ABC-DEF**) *(Nível de evidencia A, Grau de Recomendação I)* (Figura 1 do Anexo I):
    a. Manutenção da via aérea com controlo da coluna cervical (***A-****Airway maintenance with cervical spine control*)
    b. Ventilação (***B*** *- Breathing*)
    c. Circulação com controlo hemorrágico e acesso venoso ***(C*** *- Circulation with haemorrhage control*)
    d. Verificação do estado de consciência ***(D*** *- Disability: Neurological status*)
    e. Exame da vítima com despiste de lesões associadas ***(E*** *- Exposure with environmental control*)
    f. Fluidoterapia quantificada pela fórmula de Parkland (RC16) (***F -*** *Fluid resuscitation*)
2. A vigilância secundária da pessoa com queimadura obriga à identificação da **AMPLE** *(Nível de evidencia A, Grau de Recomendação I)* (Figura 1 do Anexo I):
    a. Alergias (**A** - Allergies)
    b. Medicação habitual (**M** - Medications)
    c. Antecedentes clínicos (**P** - Past medical history)
    d. Hora da última refeição ou bebida (**L** - Last meal or drink)
    e. Causa da queimadura (**E** - Events preceding injury)
3. Em todo o doente queimado a monitorização hemodinâmica dos seguintes parâmetros é obrigatória *(Nível de evidencia A, Grau de Recomendação I)* (Figura 1 do Anexo I):
    a. Débito urinário
    b. Frequência cardíaca
    c. Estado de consciência
    d. Saturação de Oxigénio

e. Pressão Arterial

4. A entubação endotraqueal deve ser considerada nas seguintes situações (Figura 2 do Anexo I) *(Nível de evidencia A, Grau de Recomendação I)* (Figura 2 do Anexo I):
    a. Doentes em coma
    b. Insuficiência respiratória
    c. Indice de Clark ≥ 2
    d. Intoxicação por monóxido de carbono
    e. Queimaduras circunferenciais do tórax
5. A transferência para uma unidade hospitalar só poderá ocorrer após a *(Nível de evidencia A, Grau de Recomendação I)*:
    a. Vigilância Primária e Secundária
    b. Acesso venoso (sempre que possível)
    c. Entubação naso-gástrica em doentes com vómitos ou em todos os doentes transportados por via aérea
    d. Restrição da via oral
    e. Informação clinica
    f. Contacto prévio com hospital
6. A todos os doentes com queimaduras extensas, deve ser dado oxigénio a 100% humidificado por máscara facial, mesmo que não apresentem sinais óbvios de dificuldade respiratória *(Nível de evidencia A, Grau de Recomendação I)*.
7. As excepções à presente Norma são fundamentadas clinicamente, com registo no processo clínico.
8. A atual versão da presente Norma poderá ser atualizada de acordo com os comentários recebidos durante a discussão pública.

II – CRITÉRIOS

A. Os profissionais de saúde devem providenciar a seguinte informação à população:
    a. Na abordagem pré-hospitalar da pessoa com queimadura antes de agir deve assegurar a sua própria segurança *(Nível de evidencia A, Grau de Recomendação I)*.
    b. Interrompa o processo de queimadura: ordenando que a pessoa “pare, deixe cair e enrole” ("Stop, Drop and Roll"), em seguida abafe com cobertor ou extinga o fogo com água *(Nível de evidencia A, Grau de Recomendação I)* (Esquema 2 do Anexo II).
    c. No caso das queimaduras elétricas não toque na vítima, proceda sim à interrupção imediata da fonte de eletricidade *(Nível de evidencia A, Grau de Recomendação I)* (Esquema 2 do Anexo II).

B. Em todas as situações deverá remover o vestuário não aderente, adereços e adornos mas não tente remover alcatrão. Se suspeitar de lesão cervical ou coluna vertebral imobilizar o doente *(Nível de evidencia A, Grau de Recomendação I).*

C. No caso de queimaduras causadas pelo frio ou escaldões recorra a irrigação imediata em água corrente (8 a 15 graus C) durante pelo menos 20 minutos *(Nível de evidencia A, Grau de Recomendação I)*.

D. Nas queimaduras químicas deve ser, igualmente, realizada a irrigação com água corrente, à exceção das queimaduras por cal viva *(Nível de evidencia A, Grau de Recomendação I)* (Esquema 2 do Anexo II).

E. Para parar o processo da queimadura considerar a utilização de água até 15 graus Celsius (morna) durante cerca de 15/20 minutos. Inicie sempre o arrefecimento com água e nunca utilize gelo.

F. Se tiver havido um atraso no início do arrefecimento, este ainda deve ser iniciado até três horas após a queimadura.

G. Cremes tópicos ou qualquer outro apósito não devem ser aplicados dado que podem interferir com a avaliação posterior.

H. Evite a hipotermia: mantenha o doente queimado normotérmico *(Nível de evidencia A, Grau de Recomendação I)*.

I. Após o arrefecimento, cubra as queimaduras com um lençol limpo ou esterilizado, compressas húmidas esterilizadas, ou uma manta isotérmica que pode ser utilizada como cobertura temporária antes da avaliação *(Nível de evidencia A, Grau de Recomendação I)*.

J. A entrada direta de calor nas vias aéreas superiores pela exposição a gases quentes e fumos, resulta na formação de edema, que pode obstruir a via aérea.

K. A obstrução da via aérea superior pode ocorrer rapidamente após a queimadura assim sendo o estado respiratório deve ser monitorizado, para avaliar a necessidade de entubação e/ou ventilação.

L. A Rouquidão progressiva é um sinal de obstrução da via aérea e a entubação endotraqueal precoce deve ser equacionada, antes da constituição do edema e alteração da anatomia da área.

M. O índice de Clark calcula-se de acordo com a seguinte tabela:

Critério	Pontuação
Espaço Fechado	**1**
Dispneia	**1**
Alteração de Consciência	**1**
Rouquidão	**1**
Queimadura Facial	**1**
Expetoração Carbonácea	**1**
Fervores/Alt. Auscultação	**1**
Total	**7**

N. Um índice de Clark ≥ 2 implica forte suspeita de lesão inalatória e deverá ser considerada a entubação endotraqueal.

O. A pressão arterial indireta é um índice pouco fiável da avaliação do estado cardiovascular num doente queimado, devido às alterações fisiopatológicas compensadoras. A medida da pressão arterial pode ser, ainda, difícil de obter, devido ao edema das extremidades.

P. Perturbações de consciência podem indicar traumatismos cranianos, intoxicações por monóxido ou dióxido de carbono, edema cerebral, hipoxémia ou hematoma cerebral.

Q. Nunca se deve retardar um transporte de uma pessoa queimada só porque não se consegue um acesso vascular e/ou outro procedimento, desde que não seja indispensável à manutenção das funções vitais.

III – AVALIAÇÃO

A. A avaliação e implementação da presente Norma é contínua, executada a nível local, regional e nacional, através de processos de auditoria interna e externa.

B. A Direcção-Geral da Saúde, através do Departamento da Qualidade na Saúde, elabora e divulga relatórios de progresso de monitorização.

C. Enquanto não estiver concluída a parametrização dos sistemas de informação para a monitorização e avaliação da implementação e impacto da presente Norma, os hospitais, ao abrigo do Despacho nº 17069/2011 do Secretário de Estado da Saúde, terão de monitorizar os seguintes indicadores de avaliação:

    a. Percentagem de doentes admitidos no serviço de urgência (SU) com diagnóstico de queimadura.

        i. Numerador: Número de doentes admitidos em SU com diagnóstico de queimadura;

        ii. Denominador: Número de doentes admitidos em SU.

IV – FUNDAMENTAÇÃO

A. A queimadura é inicialmente um traumatismo local, mas esta patologia evolui rapidamente para um fenómeno geral. É assim necessária uma abordagem inicial das queimaduras com protocolos rigorosos que tenham em conta a sua fisiopatologia, no sentido de diminuir a morbilidade e mortalidade.

B. As primeiras 8 horas pós-queimadura são as mais importantes na recuperação do edema inicial e subsequente choque hipovolémico que se forma imediatamente após a queimadura. A primeira abordagem do doente queimado condiciona desta forma fortemente a evolução e o prognóstico destes doentes.

C. Conseguidas as primeiras medidas de estabilização das funções vitais e dos cuidados locais com a queimadura, torna-se imperioso. Uma reposição volémica adequada como primeira medida a tomar.

D. Depois de uma avaliação da gravidade da queimadura, protocolos rigorosos devem ser seguidos quer para a transferência, quer para o tratamento subsequente destes doentes.

Esta Norma pretende uniformizar de forma correta os cuidados pré-hospitalares do doente queimado, diminuindo os efeitos do traumatismo local e a progressão da lesão, bem como minimizando os efeitos gerais no organismo que invariavelmente as queimaduras provocam.

V – APOIO CIENTÍFICO

A. A presente Norma foi elaborada pelo Departamento da Qualidade na Saúde da Direção-Geral da Saúde e pelo Conselho para Auditoria e Qualidade da Ordem dos Médicos, através dos seus Colégios de Especialidade, ao abrigo do protocolo entre a Direção-Geral da Saúde e a Ordem dos Médicos, no âmbito da melhoria da Qualidade no Sistema de Saúde.

B. Zinia Serafim e Celso Cruzeiro (coordenação científica), Anabela Coelho (coordenação executiva), Maria Angélica Almeida, Jorge Reis, António Bessa Monteiro, Miguel Soares de Oliveira.

C. Foram subscritas declarações de interesse de todos os peritos envolvidos na elaboração da presente Norma.

D. Durante o período de discussão pública só serão aceites comentários inscritos em formulário próprio, disponível no *site* desta Direção-Geral, acompanhados das respetivas declarações de interesse.

E. Os contributos recebidos das sociedades científicas e sociedade civil em geral, sobre o conteúdo da presente Norma, serão analisados pela Comissão Científica para as Boas Práticas Clínicas, criada por Despacho n.º 12422/2011 de 20 de setembro e atualizado por Despacho n.º 7584/2012 de 1 de junho.

BIBLIOGRAFIA

1. Silva PN, Amarante J, Costa-Ferreira A, Silva A, Reis J. Burn patients in Portugal: analysis of 14,797 cases during 1993-1999. Burns 2003:29(3):265-9.
2. Henriques AM, Gonçalves AI, Matos MM, Amaral MJ. Burns. A retrospective study of the Burn Unit of the Hospital de Santa Maria. Acta Med Port. 1993:6(11):527-9.
3. Skinner A, Peat B. Burns treatment for children and adults: A study of initial burns fi rst aid and hospital care. N Z Med J 2002;115(1163):U199.
4. Berkebile BL, Goldfarb IW, Slater H. Comparison of burn size estimates between prehospital reports and burn center evaluations. J Burn Care Rehabil 1986;7(5):411-2.
5. Collis N, Smith G, Fenton OM. Accuracy of burn size estimation and subsequent fl uid resuscitation prior to arrival at the Yorkshire Regional Burns Unit. A three year retrospective study. Burns 1999;25(4):345-51.
6. Hammond JS, Ward CG. Transfers from emergency room to burn center: Errors in burn size estimate. J Trauma 1987;27(10):1161-5.
7. Public Health Division. Management guidelines for people with burn injury. NSW Health Department; 1996.
8. Morgan ED, Bledsoe SC, Barker J. Ambulatory management of burns. Am Fam Physician 2000;62(9):2015-26.
9. Injury Prevention Research Unit, University of Otago. Injury to children in NZ resulting in death or hospitalisation. Fact Sheet No. 22. Dunedin: Injury Prevention Research Unit, University of Otago; 2001.
10. Injury Prevention Research Unit, University of Otago. Trends in Thermal Injury. Fact Sheet No. 21. Dunedin: Injury Prevention Research Unit; 2001.
11. Zhang Z-lJ. General patterns of burn injury in ACC claim data. Presentation. Auckland: ACC; August, 2005.

12. Morrow SE, Smith DL, Cairns BA, et al. Etiology and outcome of pediatric burns. J Pediatr Surg 1996;31(3):329-33.

13. Chien WC, Pai L, Lin CC, et al. Epidemiology of hospitalized burns patients in Taiwan. Burns 2003;29(6):582-8.

14. Laloe V. Epidemiology and mortality of burns in a general hospital of eastern Sri Lanka. Burns 2002;28(8):778-81.

15. Lari AR, Panjeshahin MR, Talei AR, et al. Epidemiology of childhood burn injuries in Fars Province, Iran. J Burn Care Rehabil 2002;23(1):39-45.

16. Wilkinson E. The epidemiology of burns in secondary care, in a population of 2.6 million people. Burns 1998;24(2):139-43.

17. Mahaluxmivala S, Borkar A, Mathur A, et al. A retrospective study of etiopathological and preventive factors in a burns unit in Saudi Arabia. Burns 1997;23(4):333-7.

18. Bang RL, Ebrahim MK, Sharma PN. Scalds among children in Kuwait. Eur J Epidemiol 1997;13(1):33-9.

19. Fukunishi K, Takahashi H, Kitagishi H, et al. Epidemiology of childhood burns in the Critical Care Medical Center of Kinki University Hospital in Osaka, Japan. Burns 2000;26(5):465-9.

20. Zeitlin R, Somppi E, Jarnberg J. Paediatric burns in central Finland between the 1960s and the 1980s. Burns 1993;19(5):418-22.

21. Hockey R. Safe hot tap water and the risk of scalds and Legionella infection. Injury Prevention 2002;8(2):170.

22. Ray JG. Burns in young children: A study of the mechanism of burns in children aged 5 years and under in the Hamilton, Ontario burn unit. Burns 1995;21(6):463-6.

23. Runyan CW, Bangdiwala SI, Linzer MA, et al. Risk factors for fatal residential fi res. N Engl J Med 1992;327(12):859-63.

24. DiGuiseppi C, Higgins JP. Systematic review of controlled trials of interventions to promote smoke alarms. Arch Dis Child 2000;82(5):341-8.

25. Harre N, Coveney A. School-based scalds prevention: Reaching children and their families. Health Educ Res 2000;15(2):191-202.

26. Turner C, Spinks A, McClure R, et al. Community-based interventions for the prevention of burns and scalds in children. Cochrane Database Syst Rev 2004(3):CD004335.

27. Hudspith J, Rayatt S. First aid and treatment of minor burns. BMJ 2004;328(7454):1487-9.

28. British Burn Association. Pre-hospital approach to burns patient management. Manchester: British Burn Association; 2002 http://www.britishburnassociation.org/Downloads/pre-hosp.pdf [accessed August 2006].

29. Australian and New Zealand Burn Association. Emergency management of severe burns: Course manual. 8th ed: Australian and New Zealand Burn Association Limited; 2004.

30. Sawada Y, Urushidate S, Yotsuyanagi T, et al. Is prolonged and excessive cooling of a scalded wound effective? Burns 1997;23(1):55-8.

31. Nguyen NL, Gun RT, Sparnon AL, et al. The importance of initial management: A case series of childhood burns in Vietnam. Burns 2002;28(2):167-72.

32. Tung K, Chen M, Wang H, et al. A seven-year epidemiology study of 12,381 admitted burn patients in Taiwan – using the internet system of the childhood burn foundation. Burns 2005;31S:S12-7.

33. Werner MU, Lassen B, Pedersen JL, et al. Local cooling does not prevent hyperalgesia following burn injury in humans. Pain 2002;98(3):297-303.

34. Jandera V, Hudson DA, de Wet PM, et al. Cooling the burn wound: Evaluation of different modalites. Burns 2000;26(3):265-70.

35. de Camara DL, Raine T, Robson MC. Ultrastructural aspects of cooled thermal injury. J Trauma 1981;21(11):911-9.

36. Jakobsson OP, Arturson G. The effect of prompt local cooling on oedema formation in scalded rat paws. Burns 1985;12(1):8-15.

37. Blomgren I, Eriksson E, Bagge U. Effect of cold water immersion on oedema formation in the scalded mouse ear. Burns 1982;9(1):17-20.

38. Raine TJ, Heggers JP, Robson MC, et al. Cooling the burn wound to maintain microcirculation. J Trauma 1981;21(5):394-7.

39. Mertz PM, Davis SC, Cazzaniga AL, et al. To assess second-degree burn wound treatment with water-jel. Carlstadt NJ: Trilling Medical Technologies Inc; 1990.

40. Castner T, Harz C, Schlor J. Cooling out of the bag. Water-jel burn dressings. Markdorf, Germany: Institute for Emergency Medicine; 2000.

41. Coats TJ, Edwards C, Newton R, et al. The effect of gel burns dressings on skin temperature. Emerg Med J 2002;19(3):224-5.

42. Wilson GR, French G. Plasticized polyvinylchloride as a temporary dressing for burns. BMJ 1987;294(6571):556-7.

43. Milner RH, Hudson SJ, Reid CA. Plasticized polyvinyl chloride fi lm as a primary burns dressing: A microbiological study. Burns Incl Therm Inj 1988;14(1):62-5.

44. Cole M, Shakespeare PG, Chissell HG, et al. Thermographaphic assessment of burns using a nonpermeable membrane as a wound covering. Burns 1991;17(2):117-22.

45. Hettiaratchy S, Papini R. Initial management of a major burn: I – overview. BMJ 2004;328(7455):1555-7.

46. Hettiaratchy S, Papini R. Initial management of a major burn: II – assessment and resuscitation. BMJ 2004;329(7457):101-3.

47. Brusselaers N, Hoste EA, Monstrey S, et al. Outcome and changes over time in survival following severe burns from 1985 to 2004. Intensive Care Med 2005;31(12):1648-53.

48. Saffl e JR, Zeluff GR, Warden GD. Intramuscular pressure in the burned arm: Measurement and response to escharotomy. Am J Surg 1980;140(6):825-31.

49. Smith DL, Cairns BA, Ramadan F, et al. Effect of inhalation injury, burn size, and age on mortality: A study of 1447 consecutive burn patients. J Trauma 1994;37(4):655-9.

50. Germann G, Barthold U, Lefering R, et al. The impact of risk factors and pre-existing conditions on the mortality of burn patients and the precision of predictive admission-scoring systems. Burns 1997;23(3):195-203.

51. Griffe O, Gartner R, Captier G, et al. Evaluation of prognostic factors in the burned patient. Ann Chir Plast Esthet 2001;46(3):167-72.

52. Smith DJ, Jr., Thomson PD, Garner WL, et al. Burn wounds: infection and healing. Am J Surg 1994;167(1A):46S-8S.

53. O'Keefe GE, Hunt JL, Purdue GF. An evaluation of risk factors for mortality after burn trauma and the identifi cation of gender-dependent differences in outcomes. J Am Coll Surg 2001;192(2):153-60.

54. Ryan CM, Schoenfeld DA, Thorpe WP, et al. Objective estimates of the probability of death from burn injuries. N Engl J Med 1998;338(6):362-6.

55. Wolf SE, Rose JK, Desai MH, et al. Mortality determinants in massive pediatric burns. An analysis of 103 children with > or = 80% TBSA burns (> or = 70% full-thickness). Ann Surg 1997;225(5):554-65.

56. Raff T, Germann G, Barthold U. Factors infl uencing the early prediction of outcome from burns. Acta Chir Plast 1996;38(4):122-7.

57. Amirsheybani HR, Crecelius GM, Timothy NH, et al. The natural history of the growth of the hand: I. Hand area as a percentage of body surface area. Plast Reconstr Surg 2001;107(3):726-33.

58. Berry MG, Evison D, Roberts AH. The infl uence of body mass index on burn surface area estimated from the area of the hand. Burns 2001;27(6):591-4.

59. Nagel TR, Schunk JE. Using the hand to estimate the surface area of a burn in children. Pediatr Emerg Care 1997;13(4):254-5.

60. Perry RJ, Moore CA, Morgan BD, et al. Determining the approximate area of a burn: An inconsistency investigated and re-evaluated. BMJ 1996;312(7042):1338.

61. Rossiter ND, Chapman P, Haywood IA. How big is a hand? Burns 1996;22(3):230-1.

62. Sheridan RL, Petras L, Basha G, et al. Planimetry study of the percent of body surface represented by the hand and palm: Sizing irregular burns is more accurately done with the palm. J Burn Care Rehabil 1995;16(6):605-6.

63. Kanthraj GR, Srinivas CR, Shenoi SD, et al. Comparison of computer-aided design and rule of nines methods in the evaluation of the extent of body involvement in cutaneous lesions. Arch Dermatol 1997;133(7):922-3.

64. Livingston EH, Lee S. Percentage of burned body surface area determination in obese and nonobese patients. J Surg Res 2000;91(2):106-10.

65. Tripodi S, Panetta V, Pelosi S, et al. Measurement of body surface area in atopic dermatitis using specifi cpc software (scoradcard). Pediatr Allergy Immunol 2004;15(1):89-92.

66. Scott-Conner CE, Clarke KM, Conner HF. Burn area measurement by computerized planimetry. J Trauma 1988;28(5):638-41.

67. Neuwalder JM, Sampson C, Breuing KH, et al. A review of computer-aided body surface area determination: Sage ii and epri's 3d burn vision. J Burn Care Rehabil 2002;23(1):55-9; discussion 4.

68. Wachtel TL, Berry CC, Wachtel EE, et al. The inter-rater reliability of estimating the size of burns from various burn area chart drawings. Burns 2000;26(2):156-70.

69. Hidvegi N, Nduka C, Myers S, et al. Estimation of breast burn size. Plast Reconstr Surg 2004;113(6):1591-7.

70. Hemington-Gorse SJ. A comparison of laser doppler imaging with other measurement techniques to assess burn depth. J Wound Care 2005;14(4):151-3.

71. Renkielska A, Nowakowski A, Kaczmark M, et al. Static thermography revisited – an adjunct method for determining the depth of burn injury. Burns 2005;31(6):768-75.

72. Chatterjee JS. A critical evaluation of the clinimetrics of laser doppler as a method of burn assessment in clinical practice. J Burn Care Res 2006;27(2):123-30.

73. Jeng JC, Bridgeman A, Shivnan L, et al. Laser doppler imaging determines need for excision and grafting in advance of clinical judgment: A prospective blinded trial. Burns 2003;29(7):665-70.

74. Andronicus M, Oates RK, Peat J, et al. Non-accidental burns in children. Burns 1998;24(6):552-8.

75. Herndon DN, Rutan RL, Rutan TC. Management of the pediatric patient with burns. J Burn Care Rehabil 1993;14(1):3-8.

76. Bowden ML, Grant ST, Vogel B, et al. The elderly, disabled and handicapped adult burned through abuse and neglect. Burns Incl Therm Inj 1988;14(6):447-50.

77. Ministry of Health. Suspected child abuse and neglect: Recommended referral process for general practitioners. Wellington: Ministry of Health; 2000.

78. Papini R. Management of burn injuries of various depths. BMJ 2004;329(7458):158-60.

79. Ong YS, Samuel M, Song C. Meta-analysis of early excision of burns. Burns 2006;32(2):145-50.

80. Organization and delivery of burn care. J Burn Care Rehabil 2001;1S-4S.

81. Pedersen JL, Moiniche S, Kehlet H. Topical glucocorticoid has no antinociceptive or anti-infl amatory effect in thermal injury. Br J Anaesth 1994;72(4):379-82.

82. Dreher F, Denig N, Gabard B, et al. Effect of topical antioxidants on UV-induced erythema formation when administered after exposure. Dermatology 1999;198(1):52-5.

83. Thomas SS, Lawrence JC, Thomas A. Evaluation of hydrocolloids and topical medication in minor burns. J Wound Care 1995;4(5):218-20.

84. Wasiak J, Cleland H. Burns (minor thermal). Clin Evid 2005;Dec(14):2388-96.

85. Miles F, Voss L, Segedin E, et al. Review of staphylococcus aureus infections requiring admission to a paediatric intensive care unit. Arch Dis Child 2005;90(12):1274-8.

86. Subrahmanyam M. Effect of topical application of honey on burn wound healing. Annals of Burns and Fire Disaster 2001;XIV:143-5.

87. Subrahmanyam M. A prospective randomised clinical and histological study of superfi cial burn wound healing with honey and silver sulfadiazine. Burns 1998;24(2):157-61.

88. Subrahmanyam M. Topical application of honey in treatment of burns. Br J Surg 1991;78(4):497-8. 98. Bugmann P, Taylor S, Gyger D, et al. A silicone-coated nylon dressing reduces healing time in burned paediatric patients in comparison with standard sulfadiazine treatment: A prospective randomized trial. Burns 1998;24(7):609-12.

89. Tredget EE, Shankowsky HA, Groeneveld A, et al. A matched-pair, randomized study evaluating the effi cacy and safety of acticoat silver-coated dressing for the treatment of burn wounds. J Burn Care Rehabil 1998;19(6):531-7.

90. Inman RJ, Snelling CF, Roberts FJ, et al. Prospective comparison of silver sulfadiazine 1 per cent plus chlorhexidine digluconate 0.2 per cent (silvazine) and silver sulfadiazine 1 per cent (fl amazine) as prophylaxis against burn wound infection. Burns Incl Therm Inj 1984;11(1):35-40.

91. Curreri PW, Desai MH, Bartlett RH, et al. Safety and effi cacy of a new synthetic burn dressing: A multicenter study. Arch Surg 1980;115(8):925-7.

92. Gotschall CS, Morrison MI, Eichelberger MR. Prospective, randomized study of the effi cacy of mepitel on children with partial-thickness scalds. J Burn Care Rehabil 1998;19(4):279-83.

93. Subrahmanyam M. Honey dressing versus boiled potato peel in the treatment of burns: A prospective randomized study. Burns 1996;22(6):491-3.

94. Subrahmanyam M. Honey impregnated gauze versus polyurethane fi lm (opsite) in the treatment of burns – a prospective randomised study. Br J Plast Surg 1993;46(4):322-3.

95. Edwards-Jones V, Greenwood JE. What's new in burn microbiology?: James Laing memorial prize essay 2000. Burns 2003;29(1):15-24.

96. Hermans MH. Results of a survey on the use of different treatment options for partial and full thickness burns. Burns 1998;24(6):539-51.

97. Masaki F, Gozo N, Yuichi H, et al. Fatal possible toxic shock syndrome in an adult following 15% scald burn. Burns 2004;30(2):181-4.

98. Wharton M, Chorba TL, Vogt RL, et al. Case defi nitions for public health surveillance. MMWR 1990;39(45):822-4.

99. Edwards-Jones V, Dawson MM, Childs C. A survey into toxic shock syndrome (TSS) in UK burns units. Burns 2000;26(4):323-33.

100. Afi lalo M, Dankoff J, Guttman A, et al. Duoderm hydroactive dressing versus silver sulphadiazine/bactigras in the emergency treatment of partial skin thickness burns. Burns 1992;18(4):313-6.

101. Neal DE, Whalley PC, Flowers MW, et al. The effects of an adherent polyurethane fi lm and conventional absorbent dressing in patients with small partial thickness burns. Br J Clin Pract 1981;35(7-8):254-7.

102. Poulsen TD, Freund KG, Arendrup K, et al. Polyurethane fi lm (opsite) vs. Impregnated gauze (jelonet) in the treatment of outpatient burns: A prospective, randomized study. Burns 1991;17(1):59-61.

103. Wright A, MacKechnie DW, Paskins JR. Management of partial thickness burns with granufl ex 'e' dressings. Burns 1993;19(2):128-30.

104. Wyatt D, McGowan DN, Najarian MP. Comparison of a hydrocolloid dressing and silver sulfadiazine cream in the outpatient management of second-degree burns. J Trauma 1990;30(7):857-65.

105. Wiechula R. The use of moist wound-healing dressings in the management of split-thickness skin graft donor sites: A systematic review. Int J Nurs Pract 2003;9(2):S9-17.

106. Wright A, MacKechnie DWM, Paskins JR. Management of partial thickness burns with granufl ex 'e' dressings. Burns 1993;19(2):128-30.

107. Costagliola M, Agrosi M. Second-degree burns: A comparative, multicenter, randomized trial of hyaluronic acid plus silver sulfadiazine vs. silver sulfadiazine alone. Curr Med Res Opin 2005;21(8):1235.

108. Koller J. Topical treatment of partial thickness burns by silver sulfadiazine plus hyaluronic acid compared to silver sulfadiazine alone: A double-blind, clinical study. Drugs Exp Clin Res 2004;30(5-6):183-90.

109. de Gracia CG. An open study comparing topical silver sulfadiazine and topical silver sulfadiazine-cerium nitrate in the treatment of moderate and severe burns. Burns 2001;27(1):67-74.

110. Soroff HS, Sasvary DH. Collagenase ointment and polymyxin b sulfate/bacitracin spray versus silver sulfadiazine cream in partial-thickness burns: A pilot study. J Burn Care Rehabil 1994;15(1):13-7.

111. Zhang X. Report of moist exposed burn ointment: Phase iii clinical trials multicentre study. Chinese Journal of Burns, Wounds and Surface Ulcers 2000;12(2):11-5.

112. Edgar D, Brereton M. Rehabilitation after burn injury. BMJ 2004;329(7461):343-5.

113. Esselman P, Thombs B, Magyar-Russell G, et al. Burn rehabilitation: State of the science. Am J Phys Med Rehabil 2006;85:388-413.

114. Swain AH, Azadian BS, Wakeley CJ, et al. Management of blisters in minor burns. BMJ 1987;295(6591):81.

115. Singer AJ, Thode HC, Jr., McClain SA. The effects of epidermal debridement of partial-thickness burns on infection and reepithelialisation in swine. Acad Emerg Med 2000;7(2):114-9.

116. Sargent R. Management of blisters in the partial-thickness burn: An integrative research review. J Burn Care Res 2006;27(1):66-81.

117. Desmouliere A. Tissue remodeling during healing, role of apoptosis. Paper presented at Euroconference on tissue repair and ulcer/wound healing: molecular mechanisms, therapeutic targets and future directions: Paris, 17-18 March; 2005.

118. Linares M. From wound to scar. Burns 1996;22(5):339-52.

119. Mutalik S. Treatment of keloids and hypertrophic scars. Indian J Dermatol Venereol Leprol 2005;71:3-8.

120. Carr-Collins JA. Pressure techniques for the prevention of hypertrophic scar. Clin Plast Surg 1992;19(3):733-43.

121. Patino O, Novick C, Merlo A, et al. Massage in hypertrophic scars. J Burn Care Rehabil 1999;20(3):268-71; Discussion 7.

122. O'Brien L, Pandit A. Silicon gel sheeting for preventing and treating hypertrophic and keloid scars. Cochrane Database Syst Rev 2006(1):CD003826.

123. Zhang ZL, Bennett S, Bowens A. Evidence based review: Hyperbaric oxygen therapy – evidence of effectiveness: Accident Compensation Corporation (ACC); 2004.

124. Anzarut A, Singh P, Tredget E, et al. Pressure garment therapy after burn injury (protocol). Cochrane Database Syst Rev 2004(2):Art. No.: CD004984. DOI: 10.1002/14651858.CD004984.

125. Ward RS. Pressure therapy for the control of hypertrophic scar formation after burn injury. A history and review. J Burn Care Rehabil 1991;12(3):257-62.

126. Macintyre L, Baird M. Pressure garments for use in the treatment of hypertrophic scars –a review of the problems associated with their use. Burns 2006;32(1):10-5.

127. Kealey GP, Jensen KL, Laubenthal KN, et al. Prospective randomized comparison of two types of pressure therapy garments. J Burn Care Rehabil 1990;11(4):334-6.

128. Chang P, Laubenthal KN, Lewis RW, 2nd, et al. Prospective, randomized study of the efficacy of pressure garment therapy in patients with burns. J Burn Care Rehabil 1995;16(5):473-5.

129. Van den Kerckhove E, Stappaerts K, Fieuws S, et al. The assessment of erythema and thickness on burn related scars during pressure garment therapy as a preventive measure for hypertrophic scarring. Burns 2005;31(6):696-702.

130. Johnson J, Greenspan B, Gorga D, et al. Compliance with pressure garment use in burn rehabilitation. J Burn Care Rehabil 1994;15(2):180-8.

131. Singer A, Sagi A, Ben Meir P, et al. Chemical burns: Our 10-year experience. Burns 1992;18(3):250-2.

132. Sykes RA, Mani MM, Hiebert JM. Chemical burns: Retrospective review. J Burn Care Rehabil 1986;7(4):343-7.

133. Leonard LG, Scheulen JJ, Munster AM. Chemical burns: Effect of prompt first aid. Journal of Trauma Injury Infection & Critical Care 1982;22(5):420-3.

134. Cartotto RC, Peters WJ, Neligan PC, et al. Chemical burns. Can J Surg 1996;39(3):205-11.

135. Smith ML. Pediatric burns: Management of thermal, electrical, and chemical burns and burn-like dermatologic conditions. Pediatric Annals 2000;29(6):367-78.

136. Edlich RF, Farinholt HM, Winters KL, et al. Modern concepts of treatment and prevention of chemical injuries. J Long Term Eff Med Implants 2005;15(3):303-18.

137. Rodeheaver GT, Hiebert JM, Edlich RF. Initial treatment of chemical skin and eye burns. Compr Ther 1982;8(5):37-43.

138. Stewart CE. Chemical skin burns. Am Fam Physician 1985;31(6):149-57.

139. Winfree J, Barillo DJ. Burn management. Nonthermal injuries. Nurs Clin North Am 1997;32(2):275-96.

140. Barillo DJ, Cancio LC, Goodwin CW. Treatment of white phosphorus and other chemical burn injuries at one burn center over a 51-year period. Burns 2004;30(5):448-52.

141. Mozingo DW, Smith AA, McManus WF, et al. Chemical burns. J Trauma 1988;28(5):642-7.

142. Xie Y, Tan Y, Tang S. Epidemiology of 377 patients with chemical burns in Guangdong province. Burns 2004;30(6):569-72.

143. Wedler V, Guggenheim M, Moron M, et al. Extensive hydrofl uoric acid injuries: A serious problem. J Trauma 2005;58(4):852-7.

144. Gallerani M, Bettoli V, Peron L, et al. Systemic and topical effects of intradermal hydrofl uoric acid. Am J Emerg Med 1998;16(5):521-2.

145. Yamaura K, Kao B, Iimori E, et al. Recurrent ventricular tachyarrhythmias associated with QT prolongation following hydrofl uoric acid burns. J Toxicol Clin Toxicol 1997;35(3):311-3.

146. Kirkpatrick JJ, Enion DS, Burd DA. Hydrofl uoric acid burns: A review. Burns 1995;21(7):483-93.

147. Matsuno K. The treatment of hydrofl uoric acid burns. Occup Med (Lond) 1996;46(4):313-7.

148. Lin TM, Tsai CC, Lin SD, et al. Continuous intra-arterial infusion therapy in hydrofl uoric acid burns. J Occup Environ Med 2000;42(9):892-7.

149. Caravati EM. Acute hydrofl uoric acid exposure. Am J Emerg Med 1988;6(2):143-50.

150. Muriale L, Lee E, Genovese J, et al. Fatality due to acute fl uoride poisoning following dermal contact with hydrofl uoric acid in a palynology laboratory. Ann Occup Hyg 1996;40(6):705-10.

151. Sheridan RL, Ryan CM, Quinby WC, Jr, et al. Emergency management of major hydrofl uoric acid exposures. Burns 1995;21(1):62-4.

152. Bertolini JC. Hydrofl uoric acid: A review of toxicity. J Emerg Med 1992;10(2):163-8.

153. Hatzifotis M, Williams A, Muller M, et al. Hydrofl uoric acid burns. Burns 2004;30(2):156-9.

154. Ohata U, Hara H, Suzuki H. 7 cases of hydrofl uoric acid burn in which calcium gluconate was effective for relief of severe pain. Contact Dermatitis 2005;52(3):133-7.

155. Mangion SM, Beulke SH, Braitberg G. Hydrofl uoric acid burn from a household rust remover. Med J Aust 2001;175(5):270-1.

156. Kono K, Watanabe T, Dote T, et al. Successful treatments of lung injury and skin burn due to hydrofl uoric acid exposure. Int Arch Occup Environ Health 2000;73 Suppl:S93-7.

157. Chou TD, Lee TW, Chen SL, et al. The management of white phosphorus burns. Burns 2001;27(5):492-7.

158. Konjoyan TR. White phosphorus burns: Case report and literature review. Mil Med 1983;148(11):881-4.

159. Davis KG. Acute management of white phosphorus burn. Mil Med 2002;167(1):83-4.

160. Kaufman T, Ullmann Y, Har-Shai Y. Phosphorus burns: A practical approach to local treatment. J Burn Care Rehabil 1988;9(5):474-5.

161. Fontanarosa PB. Electrical shock and lightning strike. Ann Emerg Med 1993;22(2 Pt 2):378-87.

162. Orme S, Channer KS. Tachycardia following low-tension electrocution. Postgrad Med J 1999;75(885):439-40.

163. Bingham H. Electrical burns. Clin Plast Surg 1986;13(1):75-85.

164. Edlich RF, Farinholt HM, Winters KL, et al. Modern concepts of treatment and prevention of electrical burns. J Long Term Eff Med Implants 2005;15(5):511-32.

165. Koumbourlis AC. Electrical injuries. Crit Care Med 2002;30(11 Suppl).

166. Rai J, Jeschke MG, Barrow RE, et al. Electrical injuries: A 30-year review. J Trauma 1999;46(5):933-6.

167. Edlich RF, Farinholt HM, Winters KL, et al. Modern concepts of treatment and prevention of lightning injuries. J Long Term Eff Med Implants 2005;15(2):185-96.

168. Fish RM. Electric injury, part iii: Cardiac monitoring indications, the pregnant patient, and lightning. J Emerg Med 2000;18(2):181-7.

169. Muehlberger T, Vogt PM, Munster AM. The long-term consequences of lightning injuries. Burns 2001;27(8):829-33.

170. Grube BJ, Heimbach DM, Engrav LH, et al. Neurologic consequences of electrical burns. J Trauma 1990;30(3):254-8.

171. Norman ME, Albertson D, Younge BR. Ophthalmic manifestations of lightning strike. Surv Ophthalmol 2001;46(1):19-24.

172. Ratnayake B, Emmanuel ER, Walker CC. Neurological sequelae following a high voltage electrical burn. Burns 1996;22(7):574-7.

173. Guinard JP, Chiolero R, Buchser E, et al. Myocardial injury after electrical burns: Short and long term study. Scand J Plast Reconstr Surg Hand Surg 1987;21(3):301-2.

174. Garcia-Sanchez V, Gomez Morell P. Electric burns: High- and low-tension injuries. Burns 1999;25(4):357-60.

175. Housinger TA, Green L, Shahangian S, et al. A prospective study of myocardial damage in electrical injuries.[erratum appears in J Trauma 1986 Jul;26(7):659]. J Trauma 1985;25(2):122-4.

176. Hammond J, Ward CG. Myocardial damage and electrical injuries: Signifi cance of early elevation of CPK-MB isoenzymes. South Med J 1986;79(4):414-6.

177. Chandra NC, Siu CO, Munster AM. Clinical predictors of myocardial damage after high voltage electrical injury. Crit Care Med 1990;18(3):293-7.

178. Purdue GF, Hunt JL. Electrocardiographic monitoring after electrical injury: Necessity or luxury. J Trauma 1986;26(2):166-7.

179. Matsumura H, Kobayashi Y, Mann R, et al. Residual myocardial damage following electrical injuries. J Burn Care Rehabil 1997;18(4):299-305.

180. Xiao J, Cai BR. A clinical study of electrical injuries. Burns 1994;20(4):340-6.

181. Cancio LC, Jimenez-Reyna JF, Barillo DJ, et al. One hundred ninety-fi ve cases of high-voltage electric injury. J Burn Care Rehabil 2005;26(4):331-40.

182. Bailey B, Gaudreault P, Thivierge RL. Experience with guidelines for cardiac monitoring after electrical injury in children. Am J Emerg Med 2000;18(6):671-5.

183. Bailey B, Gaudreault P, Thivierge RL, et al. Cardiac monitoring of children with household electrical injuries. Ann Emerg Med 1995;25(5):612-7.

184. Blackwell N, Hayllar J. A three year prospective audit of 212 presentations to the emergency department after electrical injury with a management protocol. Postgrad Med J 2002;78(919):283-5.

185. Celik A, Ergun O, Ozok G. Pediatric electrical injuries: A review of 38 consecutive patients. J Pediatr Surg 2004;39(8):1233-7.

186. Cunningham PA. The need for cardiac monitoring after electrical injury. Med J Aust 1991;154(11):765-6.

187. Fatovich DM, Lee KY. Household electric shocks: Who should be monitored? Med J Aust 1991;155(5):301-3.

188. Garcia CT, Smith GA, Cohen DM, et al. Electrical injuries in a pediatric emergency department. Ann Emerg Med 1995;26(5):604-8.

189. Wilson CM, Fatovich DM. Do children need to be monitored after electric shocks? J Paediatr Child Health 1998;34(5):474-6.

190. Wallace BH, Cone JB, Vanderpool RD, et al. Retrospective evaluation of admission criteria for paediatric electrical injuries. Burns 1995;21(8):590-3.

191. Arrowsmith J, Usgaocar RP, Dickson WA. Electrical injury and the frequency of cardiac complications. Burns 1997;23(7-8):576-8.

192. Ulmer JF. Burn pain management: A guideline-based approach. J Burn Care Rehabil 1998;19(2):151-9.

193. Ang E, Lee ST, Gan CSG, et al. Pain control in a randomized, controlled, clinical trial comparing moist exposed burn ointment and conventional methods in patients with partial-thickness burns. J Burn Care Rehabil 2003;24(5):289-96.

194. Australian and New Zealand College of Anaesthetists, Faculty of Pain Medicine. Acute pain management: Scientifi c evidence. 2nd ed: Australian and New Zealand College of Anaesthetists; 2005.

195. Carr E. Pain-free states. Nurs Times 1992;88(48):44-6.

196. Jacox A, Carr DB, Payne R. New clinical-practice guidelines for the management of pain in patients with cancer. N Engl J Med 1994;330(9):651-5.

197. Bickel A, Dorfs S, Schmelz M, et al. Effects of antihyperalgesic drugs on experimentally induced hyperalgesia in man. Pain 1998;76:317-25.

198. Borland ML, Bergesio R, Pascoe EM, et al. Intranasal fentanyl is an equivalent analgesic to oral morphine in paediatric burns patients for dressing changes: A randomised double blind crossover study. Burns 2005;31(7):831-7.

199. Ferguson SL, Voll KV. Burn pain and anxiety: The use of music relaxation during rehabilitation. J Burn Care Rehabil 2004;25(1):8-14.

200. Fratianne RB, Prensner JD, Huston MJ, et al. The effect of music-based imagery and musical alternate engagement on the burn debridement process. J Burn Care Rehabil 2001;22(1):47-53.

201. Field T, Peck M, Krugman S, et al. Burn injuries benefi t from massage therapy. J Burn Care Rehabil 1998;19(3):241-4.

202. Field T, Peck M, Hernandez-Reif M, et al. Postburn itching, pain, and psychological symptoms are reduced with massage therapy. J Burn Care Rehabil 2000;21(3):189-93.

203. Gustorff B, Hoechtl K, Sycha T, et al. The effects of remifentanil and gabapentin on hyperalgesia in a new extended infl ammatory skin pain model in healthy volunteers. Anesth Analg 2004;98(2):401-7.

204. Hammer NA, Lilleso J, Pedersen JL, et al. Effect of riluzole on acute pain and hyperalgesia in humans. Br J Anaesth 1999;82(5):718-22.

205. Haythornthwaite JA, Lawrence JW, Fauerbach JA. Brief cognitive interventions for burn pain. Ann Behav Med 2001;23(1):42-9.

206. Holthusen H, Irsfeld S, Lipfert P. Effect of pre- or post-traumatically applied I.V. Lidocaine on primary and secondary hyperalgesia after experimental heat trauma in humans. Pain 2000;88(3):295-302.

207. Ilkjaer S, Dirks J, Brennum J, et al. Effect of systemic n-methyl-d-aspartate receptor antagonist (dextromethorphan) on primary and secondary hyperalgesia in humans. Br J Anaesth 1997;79(5):600-5.

208. Ilkjaer S, Petersen KL, Brennum J, et al. Effect of systemic n-methyl-d-aspartate receptor antagonist (ketamine) on primary and secondary hyperalgesia in humans. Br J Anaesth 1996;76(6):829-34.

209. Long TD, Cathers TA, Twillman R, et al. Morphine-infused silver sulfadiazine (miss) cream for burn analgesia: A pilot study. J Burn Care Rehabil 2001;22(2):118-23.

210. Mikkelsen S, Jorgensen H, Larsen PS, et al. Effect of oral ketamine on secondary hyperalgesia, thermal and mechanical pain thresholds, and sedation in humans. Reg Anesth Pain Med 2000;25(5):452

211. Patterson DR, Ptacek JT, Carrougher G, et al. The 2002 Lindberg award. PRN vs regularly scheduled opioid analgesics in pediatric burn patients. J Burn Care Rehabil 2002;23(6):424-30.

212. Petersen KL, Brennum J, Dahl JB. Experimental evaluation of the analgesic effect of ibuprofen on primary and secondary hyperalgesia. Pain 1997;70 (2-3):167-74.

213. Sharar SR, Carrougher GJ, Selzer K, et al. A comparison of oral transmucosal fentanyl citrate and oral oxycodone for pediatric outpatient wound care. J Burn Care Rehabil 2002;23(1):27-31.

214. Latarjet J. [The pain from burns] French. Pathol Biol (Paris) 2002;50(2):127-33.

215. Choiniere M, Melzack R, Rondeau J, et al. The pain of burns: Characteristics and correlates. J Trauma 1989;29(11):1531-9.

216. Cleeland CS, Ryan KM. Pain assessment: Global use of the brief pain inventory. Ann Acad Med Singapore 1994;23(2):129-38.

217. Paediatrics and Child Health Division, The Royal Australasian College of Physicians. Guideline statement: Management of procedure-related pain in children and adolescents. Sydney: Royal Australasian College of Physicians; 2005.

218. American Psychiatric Association. DSM-IV. Diagnostic and statistical manual of mental disorders. Washington (DC): American Psychiatric Association; 1994.

219. Stoddard FJ, Saxe G, Ronfeldt H, et al. Acute stress symptoms in young children with burns. J Am Acad Child Adolesc Psychiatry 2006;45(1):87-93.

220. Difede J, Ptacek JT, Roberts J, et al. Acute stress disorder after burn injury: A predictor of posttraumatic stress disorder? Psychosom Med 2002;64(5):826-34.

221. Van Loey NEE, Maas CJM, Faber AW, et al. Predictors of chronic posttraumatic stress symptoms following burn injury: Results of a longitudinal study. J Trauma Stress 2003;16(4):361-9.

222. Bisson JI, Jenkins PL, Alexander J, et al. Randomised controlled trial of psychological debriefi ng for victims of acute burn trauma. Br J Psychiatry 1997;171:78-81.

223. Ehlers A, Clark D, Hackmann A, et al. A randomized controlled trial of cognitive therapy, a self-help booklet and repeated assessments as early interventions for post-traumatic stress disorder. Arch Gen Psychiatry 2003;60:1024-32.

224. Foa EB. Psychosocial treatment of posttraumatic stress disorder. J Clin Psychiatry 2000;61 Suppl 5:43-8;discussion 9-51.

225. Brunello N, Davidson JR, Deahl M, et al. Posttraumatic stress disorder: Diagnosis and epidemiology, comorbidity and social consequences, biology and treatment. Neuropsychobiology 2001;43(3):150-62.

226. Stein DJ, Ipser JC, Seedat S. Pharmacotherapy for post traumatic stress disorder (PTSD). Cochrane Database Syst Rev 2006(1):Art. No.: CD002795. DOI: 10.1002/14651858.CD002795.pub2.

227. Kennedy SH, Lam RW, Cohen NL, et al. Clinical guidelines for the treatment of depressive disorders iv. Medications and other biological treatments. Can J Psychiatry 2001;46(Suppl 1):38S-58S.

228. Robert R, Meyer WJ, 3rd, Villarreal C, et al. An approach to the timely treatment of acute stress disorder. J Burn Care Rehabil 1999;20(3):250-8.

229. Boeve S, Aaron L, Martin-Herz S, et al. Sleep disturbance after burn injury. J Burn Care Rehabil 2002;23:32-8. 242. Raymond I, Ancoli-Israel S, Choiniere M. Sleep disturbances, pain and analgesia in adults hospitalized for burn injuries. Sleep Med 2004;5(6):551-9.

230. Rizzone LP, Stoddard FJ, Murphy JM, et al. Posttraumatic stress disorder in mothers of children and adolescents with burns. J Burn Care Rehabil 1994;15(2):158-63.

231. Meyer WJ, Blakeney P, Moore P, et al. Parental well-being and behavioral adjustment of pediatric survivors of burns. J Burn Care Rehabil 1994;15(1):62-8.

232. Broughton J. Injury to Maori: Does it really have to be like this? Dunedin: The Ngai Tahu Maori Health Research Unit and the Injury Prevention Research Unit, Department of Preventative and Social Medicine, University of Otago;1999.

233. Ministry of Health. General practitioners fees information: A summary of key fi ndings from fi ve reports. Wellington: Ministry of Health; 2004.

234. SafeKids New Zealand. Factsheet: Pacifi c islands child injury: SafeKids New Zealand; n.d. http://www.safekids.org.nz/index.php/pi_pageid/42 [accessed June 2006].

235. Ministry of Health. Making a Pacifi c difference: Strategic initiatives for the health of Pacifi c peoples. Wellington: Ministry of Health; 1997.

236. Villanueva E, Bennett MH, Wasiak J, et al. Hyperbaric oxygen therapy for thermal burns. Cochrane Database Syst Rev 2004(2):Art. No.: CD004727. DOI: 10.1002/14651858.CD004727.pub2.

237. Vogler BK. Aloe vera: A systematic review of its clinical effectiveness. Br J Gen Pract 1999;49:823-8.

238. Visuthikosol V, Chowchuen B, Sukwanarat Y, et al. Effect of aloe vera gel to healing of burn wound: a clinical and histologic study. J Med Assoc Thai 1995;78(8):403-9.

239. Ang ES, Lee ST, Gan CS, et al. Evaluating the role of alternative therapy in burn wound management: Randomized trial comparing moist exposed burn ointment with conventional methods in the management of patients with second-degree burns. Medscape General Medicine 2001;3(2):3.

240. Ang ES, Lee ST, Gan CS, et al. The role of alternative therapy in the management of partial thickness burns of the face – experience with the use of moist exposed burn ointment (MEBO) compared with silver sulphadiazine. Ann Acad Med Singapore 2000;29(1):7-10.

241. Atiyeh BS, Dham R, Kadry M, et al. Benefi t-cost analysis of moist exposed burn ointment. Burns 2002;28(7):659-63.

242. Atiyeh BS, Dham R, Dib ME. Cost-effectiveness of moist exposed burn therapy. Journal of Burns and Surgical Wound Care 2004;3(1).

243. Subrahmanyam M. Early tangential excision and skin grafting of moderate burns is superior to honey dressing: A prospective randomised trial. Burns 1999;25(8):729-31.

244. Lievre M, Marichy J, Baux S, et al. Controlled study of three ointments for the local management of 2nd and 3rd degree burns. Clinical Trials Meta-Analysis 1992;28(1):9-12.

245. Leaman AM, Gorman D. Cantharis in the early treatment of minor burns. Arch Emerg Med 1989;6(4):259-61.

246. School of Pharmacy, University of Otago. Te rongoa Maori herbal medicine: Harakeke; n.d. http://pharmacy.otago.ac.nz/rongoa/pages/harakeke.html [accessed June 2006].

247. Matauranga Kura Taiao Project. Maori medicine – kawakawa: Aotea Harbour; n.d. http://www.aoteamoana.co.nz/tradition/kawakawa.htm [accessed August 2006].

248. Whistler WA. Tongan herbal medicine. Honolulu, Hawaii: University of Hawaii Press; 1992.

249. World Health Organization, Regional Offi ce for the Western Pacifi c. Medicinal plants in the South Pacifi c: Information on 102 commonly used medicinal plants in the South Pacifi c. Manila: WHO Regional Offi ce for the Western Pacifi c; 1998.

250. Jairath N, Weinstein J. The Delphi methodology (part one): A useful administrative approach. Can J Nurs Adm 1994;7(3):29-42.

251. Muehlberger T, Ottomann C, Toman N, et al. Emergency pre-hospital care of burn patients. Surgeon. 2010:8(2):101-4.

252. Carter JE, Neff LP, Holmes JH. Adherence to burn center referral criteria: are patients appropriately being referred? J Burn Care Res. 2010:31(1):26-30.

253. Latenser BA. Critical care of the burn patient: the first 48 hours. Crit Care Med. 2009:37(10):2819-26.

254. Giessler GA, Mayer T, Trupkovic T. Burn trauma--Part 2. Anesthesiological, surgical and intensive care management. Anaesthesist. 2009:58(5):474-84.

255. Trupkovic T, Giessler G. Burn trauma. Part 1: pathophysiology, preclinical care and emergency room management. Anaesthesist. 2008:57(9):898-907.

256. White CE, Renz EM. Advances in surgical care: management of severe burn injury. Crit Care Med. 2008: 36(7 Suppl):S318-24.

Francisco George
Diretor-Geral da Saúde

Anexo I – Algoritmos de decisão

Figura 1: Atuação geral

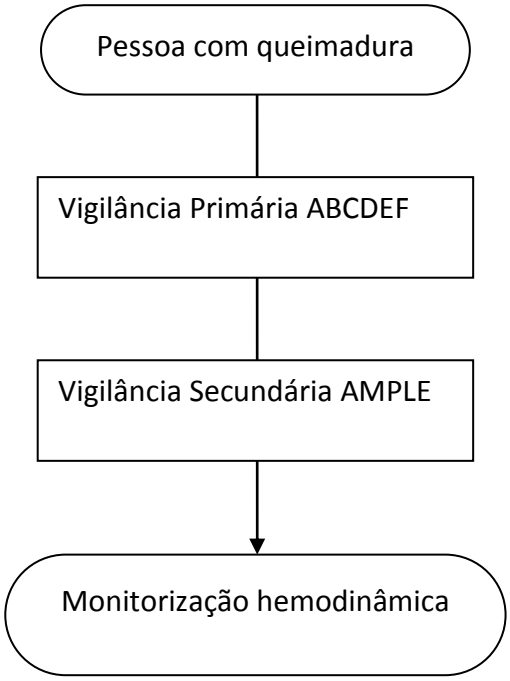
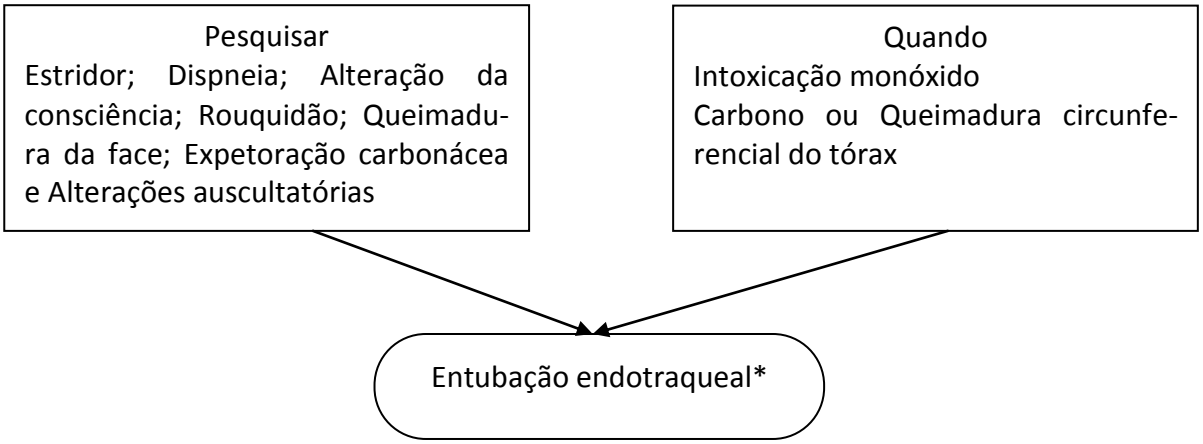


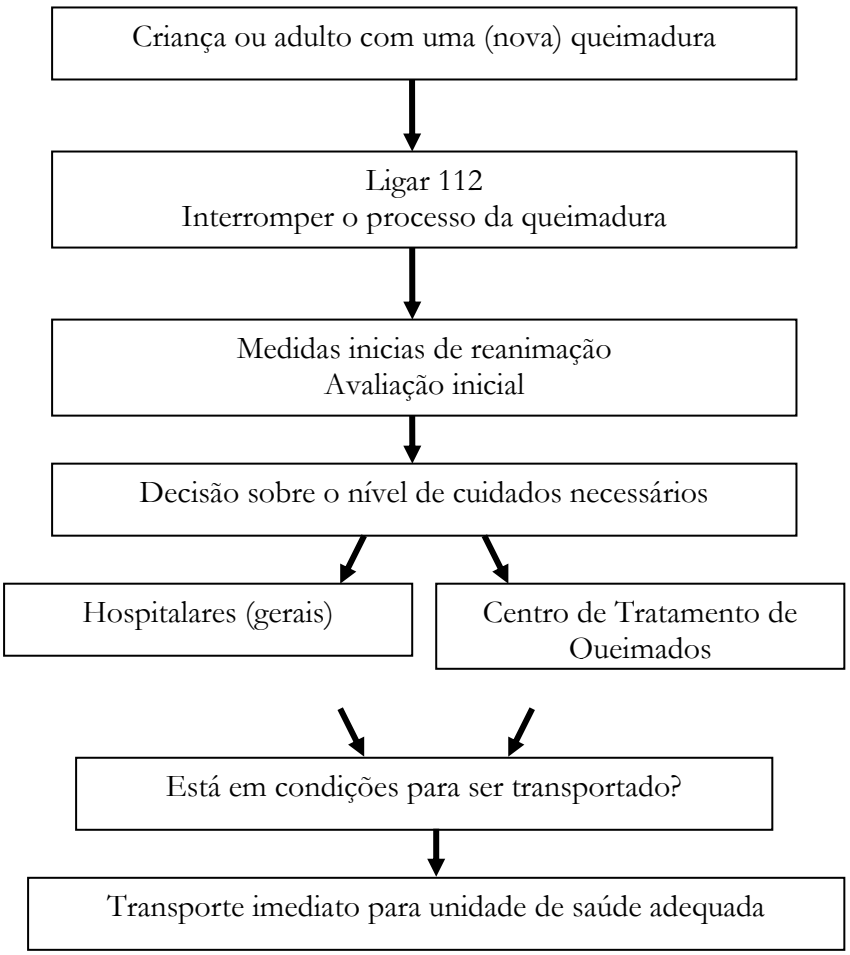
Figura 2: Entubação endotraqueal



*tendo em conta a análise de risco - benefício para o doente.

Anexo II – Esquemas

Esquema 1: Primeiro contato



Esquema 2: Parar o processo da queimadura